

DESENHO DE SKETCHBOOKS COMO EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA

JACSON WESTPHALEN PIOVESAN; KARINA GALLO; VIVIAN HERZOG

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jacsonpiovesa@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – karinag2706@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – vivianherzog@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O texto busca apresentar o desenho como uma ação de memória e de lembrança, como as escritas em um diário. Através de uma exploração bibliográfica e da relação que tenho com o desenho de observação e com hábito de desenhar em sketchbooks.

O professor e artista português Mário Bismarck (2004) ao buscar ideias de Federico Zuccaro, apresenta o desenho como um todo composto por duas partes: o desenho interno, que é a ideia, a imagem mental, ou seja, um projeto, um pensar em agir. E o desenho externo, que é a realização dessa ideia. Assim o desenho externo não é o resultado, mas sim a união da ideia e do ato de desenhar. Bismarck (2004) trata o desenho como ação, como verbo, como o “[...] espaço que trabalha a ideia, que a reconfigura, que coloca em evidencia o fazer, que convoca e coloca em confronto o passado e o futuro[...].” (p.2, 2004).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho surge a partir de uma prática de desenho em sketchbooks que me servem como diários onde guardo pessoas, momentos, locais e objetos do cotidiano. E que servem também como o ponto de partida para as reflexões aqui apresentadas. Após um ano de coletas, acabei por iniciar uma reflexão sobre o porquê desenhar, sobre os tempos no desenho e sobre como ele de certa forma apreende e demonstra em si o seu tempo de produção. Para melhor compreender e discorrer sobre os assuntos em questão foram consultados alguns escritos de Bismarck e John Berger com o intuito de perceber a relação do desenho com o tempo e a memória, para por fim formular um discurso coerente com relação a prática apresentada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ato de ver está, de certa forma, intrinsecamente ligado ao tempo, já que a visão só ocorre quando os raios de luz chegam aos nossos olhos e são processados mentalmente, sendo então a nossa visão um registro de um passado muito próximo. John Berger (2015) nos fala que a imagem é, mesmo quando vista pelos olhos, um registro de algo que irá desaparecer. Diversos são as possibilidades que temos para de certa forma “deter” o tempo. Uma delas é a fotografia, que segundo Berger (2015) captura um momento congelado do tempo. A fotografia é um ponto no tempo. Outra possibilidade de se guardar o tempo, é o desenho de observação, porém, o ele o faz de maneira diferente da fotografia. “[...] ele consiste da evidência de muitos olhares os quais podem ser vistos juntos.” (BERGER, 2015, p.5, tradução do autor).

Bismarck (2004) , para se aprofundar na discussão do porquê se desenha, faz uma análise do conto que é conhecido como “a origem do desenho” que versa sobre a história da filha do oleiro *Debutades* que, consciente da iminente partida de seu amado, traçou uma linha ao redor da sombra do rosto do mesmo, que era projetada na parede pela luz de uma lanterna, com o intuito de guardar de alguma forma a lembrança desse rosto.

Para Bismarck (2004) essa é uma clara demonstração do desenho como um método de lembrança, de apanhar um momento do presente e guardá-lo antes que ele se torne ausente, que passe. O desenho é representação, e para Bismarck (2004) “representar é, como a palavra indica, tornar presente.”.

O desenho surge então a partir da carência, de uma falta, de um querer guardar, e traz consigo uma estaticidade que engloba vários momentos do tempo e se caracteriza não por ser uma representação, seja do mundo real ou de uma ideia, mas sim pelo seu ato, por resolver e representar uma ideia abstrata em um plano bidimensional.



Figura 1: O jardim da casa de uma das minhas tias

O desenho que desenho, observando ou não, é sempre um desenho de memória. Mesmo ao desenhá-lo a partir de um objeto à minha frente, quando desenho, desvio o olhar do mesmo e o movo para o papel. Com a lembrança que tenho do objeto que acabei de ver, transponho este pensamento ou ideia de objeto para o papel através do gesto de desenhá-lo. Gesto esse que se mostra no papel através dos rastros deixados pela caneta. No desenho podem ser vistos os primeiros e os últimos gestos, as primeiras marcações no papel e também os detalhes adicionados mais perto do fim.



Figura 2: Lembrança da minha primeira visita a uma amiga

O desenho, como na figura 2 mostra o seu tempo, um tempo estendido de observação e imaginação. Esses sketchbooks acabam me mostrando e me ligando a períodos de minha vida. Os dias que passei com minha mãe na praia, as idas ao interior (Figura 1) ou mesmo as minhas caminhadas pelas ruas de Pelotas. Guardando então, no espaço-tempo do papel pessoas, lugares, momentos, memórias e emoções.

4. CONCLUSÕES

Diante das investigações feitas através de desenhos e leituras, foram percebidas e compreendidas as relações do desenho com a memória e as possibilidades que o mesmo tem de acessar e demonstrar o olhar de quem desenha. Assim como de demonstrar os tempos do desenho e da observação que prescedem a imagem construída com o gesto do desenho. A partir desta compreensão torna-se mais fácil entender e discorrer sobre este ato de desenhar e também sobre os motivos que o prescedem.

Os desenhos que desenho são desenhados com o intuito de guardar um pouco do que vejo ou sinto quando desenho. Servem para armazenar estas informações e possibilitar o acesso das mesmas. Trazem consigo uma fatia do tempo e remetem aos momentos de sua produção, seja pela sua feitura, pelo tempo que ali se desdobra ou mesmo pelos diversos olhares que se encaixam e sobrepõem em uma folha de papel. Assim como se tornam uma espécie de catálogo de imagens que pode ser acessado não apenas para lembrança, mas também para referência e produção de novos trabalhos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, John. **Sobre el dibujo**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015.

BISMARCK, Mário. **Contornando as origens do desenho. PSIAX, estudos e reflexões sobre desenho e imagem**, Porto n 3, (série I), Junho de 2004. Disponível em: <http://repositório-aberto.up.pt/bitstream/10216/19045/2/124.pdf>. Acesso em: julho de 2016.